

# **A BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO LEITOR UNIVERSITÁRIO**

**Martha Suzana Cabral Nunes**  
**Universidade Federal de Sergipe/UFS**  
[marthasuzana@hotmail.com](mailto:marthasuzana@hotmail.com)

**Palavras-chave: Biblioteca. Ensino superior. Práticas de leitura.**  
**Eixo temático 2: História das instituições e práticas educativas**

## **1 INTRODUÇÃO**

A História da Educação tem se revelado um campo ainda vasto de possibilidades de pesquisa. A sua construção como campo do conhecimento é recente e se apoiou inicialmente em outras ciências tais como a Sociologia, a Filosofia e mesmo a Pedagogia, a fim de fortalecer, a partir delas, seu próprio estatuto teórico e metodológico.

Durante muito tempo a ênfase dada ao ensino e aos estudos sobre a História da Educação recaiu sobre a análise de grandes marcos históricos e das correntes pedagógicas e sistemas de ensino e sobre a análise da educação brasileira a partir do viés azevediano, sem, contudo, promover uma visão mais crítica dos elementos constituintes da escola, particularmente do seu micro universo no qual se forma sua cultura.

A partir da revolução promovida pela Escola dos Annales deu-se a discussão em torno da escrita da História e da viabilidade e importância de se contar a história do homem comum e sua vida cotidiana. Nesta corrente, fortaleceu-se a Nova História Cultural, que serve hoje de suporte teórico ao desenvolvimento de investigações que se ocupam em analisar aspectos relevantes do universo educacional, tais como as práticas escolares e de leitura e a arquitetura escolar, por exemplo.

Nesta direção, as pesquisas desenvolvidas nos diferentes centros acadêmicos têm contribuído para o aprofundamento teórico deste contexto, ampliando as noções correlacionadas ao universo da cultura escolar. Por isto, estudar e analisar as práticas de leitura é um foco privilegiado, por compreender não apenas a análise destas práticas, mas também os agentes envolvidos neste processo e os espaços onde esta prática acontece, como a biblioteca.

Por este motivo, propõe-se neste artigo apresentar a biblioteca como espaço de conformação da cultura universitária, a partir das possibilidades de leitura que imprimem em seus usuários. Especificamente, pretende-se apresentar a Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe, como instituição que contribui na formação do leitor universitário e que compõe o aparelhamento necessário ao processo educacional.

Para atingir tais objetivos, empreendeu-se neste trabalho uma pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa, a qual dá conta da análise não só dos fundamentos teóricos que envolvem os conceitos em discussão no artigo, mas também analisa os primeiros documentos que tratam da criação da Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, espaço de aglutinação e disseminação de conhecimentos dentro da instituição.

Os principais autores e conceitos abordados neste artigo são Roger Chartier (1994) e o conceito de representação, Anne-Marie Chartier (2007) e Diana Vidal (2005)

com o conceito de prática de leitura, Michel de Certeau (2007) e as estratégias e táticas de leitura, o processo civilizador por Norbert Elias (1997) e finalmente cultura escolar tomada de Dominique Juliá (2004).

Inicialmente, aborda-se a cultura escolar, para depois ser apresentada a prática de leitura e sua conformação enquanto elemento contribuinte para a formação do conceito de civilização. Ainda apresenta-se o percurso inicial para a criação da Biblioteca Central da UFS, e por último as considerações finais do artigo.

## 2 A CULTURA ESCOLAR

Problematizada por Roger Chartier (2009), a História como disciplina e produtora de conhecimento se apresenta em crise, e no momento atual a facilidade de acesso à informação digital possibilita ao leitor uma infinidade de conexões que o levam a compreender melhor sua própria realidade.

A inserção da cultura através da História Cultural, na qual este autor se insere, é demonstrativa de que esta crise se deu em vários momentos, mas que ainda está longe de encontrar respostas que sejam dedutíveis ou lineares, pois ela vai se dando à medida em que o homem evolui com seu tempo, e com ele, sua forma de ver e fazer a leitura do mundo.

Neste percurso, estudar e analisar os aspectos que se encontram intrínsecos e que contribuem para a formação desta cultura é fundamental. Isso significa dar sentido, por meio da investigação baseada em metodologia própria à História da Educação, a movimentos que ajudam a reconhecer as práticas formadoras de uma cultura dentro do universo educacional. É a cultura formada dentro da escola, denominada por muitos autores de cultura escolar, ou culturas escolares, termo mais recentemente empregado, que permite uma maior aproximação com as práticas desenvolvidas pelos sujeitos que se encontram intrinsecamente ligados ao contexto educacional, como docentes e discentes, e que se entrelaçam enriquecidos por suas histórias sociais diversas.

Dentre os autores que fundamentam o conceito de cultura escolar destaca-se Dominique Juliá, reconhecido pesquisador e professor de institutos de pesquisa franceses, o qual compreende a cultura escolar como “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.” (JULIÁ, 2001, p.9)

Na visão de Juliá, é no espaço da escola que se forma o *habitus* a partir da inculcação de saberes que são previamente selecionados, ressaltando-se as intencionalidades que cercam as escolhas feitas pelos agentes educacionais. Assim, para o autor “[...] o colégio não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de *habitus* que exige uma ciência de governo transcendendo e dirigindo, segundo sua própria finalidade, tanto a formação cristã como as aprendizagens disciplinares”. (JULIÁ, 2001, p.22)

Também é importante destacar o convite feito por Juliá aos Historiadores da Educação no sentido de se debruçarem sobre uma vasta possibilidade de fontes a fim de descortinar a “caixa preta” da escola, mas principalmente de não se deixar envolver ou contaminar por elas, e sim de aprender a contextualizá-las com outros elementos que ajudam à compreensão da História que se pretende contar.

Nesta mesma corrente encontramos os trabalhos de pesquisas desenvolvidos por teóricos brasileiros, a respeito da Professora Diana Vidal. Sua pesquisa sobre a cultura escolar e as práticas de leitura na escola primária brasileira no final do século XIX é indicativa das possibilidades de investigação neste campo, demonstrando que o mesmo não se esgota e ainda carece de interesse por parte de pesquisadores da educação.

Ao discorrer sobre a singularidade da cultura escolar primária brasileira com base num estudo que evidencia as práticas escolares de leitura e escrita, investigar a circulação de materiais e métodos escolares, bem como de pessoas, no final do oitocentos, entre Brasil e França e destacar as apropriações efetuadas, como uso criativo, dos modelos culturais distribuídos ou impostos, Vidal se cerca de uma gama variada de fontes em sua investigação. (VIDAL, 2005)

Este estudo permitiu apresentar o século XIX como uma época onde se inseriu na prática educativa várias formas de inovação pedagógica, o que por si só, já representa um grande achado, visto ser este período pouco estudado diante da dificuldade de acesso às informações e ao desprestígio promovido pelos escritores republicanos ao quererem para si o mérito das inovações educacionais e da construção de uma nação culta e desenvolvida.

A adoção do conceito de culturas escolares por Vidal se constrói sobre as discussões de outros autores tais como Escolano e Viñao Frago, e permite ampliar a noção de cultura da escola, englobando outras dimensões deste universo, as quais se diferenciam de uma instituição para outra. (VIDAL, 2005)

Para demonstrar a História da construção e reconstrução das escolas primárias paulistas no início da República, Rosa Fátima de Souza (2009) também se utiliza da análise da cultura escolar para problematizar as práticas que levaram ao seu surgimento e compreender sua constituição a partir dos conteúdos e métodos ensinados, das finalidades atribuídas a esta modalidade de escola e também das práticas simbólicas e representações estabelecidas pelos sujeitos.

Neste sentido, a autora investiga a história da escola primária paulista desde a primeira República, perpassando as diversas iniciativas promovidas não só pelos legisladores e governantes, mas também pelos intelectuais neste nível de ensino e a premente necessidade de construção da identidade educacional do Brasil, tendo a escola como pano de fundo principal desta empreitada.

Assim, ela dialoga com diversificadas fontes na construção de seu enredo, que apresenta a inserção dos grupos escolares como instituição modelar para o ensino primário paulista e brasileiro, mas também percorre a inclusão dos modelos pedagógicos na prática docente, não livre de dificuldades. Seu texto é como uma coletânea de ricas informações que abordam mais do que a escola primária, a própria História da Educação Brasileira desde a primeira República até a Ditadura Militar, o que permite fundamentar ainda mais nosso entendimento do campo.

Como uma instituição modelar, a escola primária paulista seria criada como modelo de educação nacional para que o país pudesse alcançar a sonhada modernidade republicana. Assim, diz a autora: “Por toda parte onde foi implantado, esse novo modelo de escola primária foi instituído como símbolo de modernização de ensino, em sintonia com expectativas em relação ao desenvolvimento social e econômico”. (SOUZA, 2009, p.30)

Para esta condução, a leitura na escola primária é um dos pilares de sustentação da nova forma de ensinar, e a partir da Escola Nova observa-se uma preocupação com os materiais didáticos, em especial com os livros, e a formação de

bibliotecas escolares como suporte no desenvolvimento do gosto pela leitura. Segundo Souza (2009, p.242) “As representações sobre a leitura gestadas no interior da Escola Nova ressaltavam a importância da biblioteca escolar, espaço de contato com os livros, de cultivo de leitura, de formação moral dos alunos, de aquisição de saberes e de entretenimento”.

### 3 PRÁTICAS DE LEITURA

O universo da leitura é fascinante e muito vasto. Por meio dele é possível, em termos de constituição de objetos de pesquisa, observar diferentes segmentos que se encontram envolvidos no seu contexto. A gama diversificada de possibilidades permite ao pesquisador armar a sua teia de investigação com o uso de fontes que se envolvem em torno da leitura, e que dão conta de elementos que podem ser de vital importância para a elucidação de diferentes problemas.

Estudar as práticas de leitura permite uma ampliação da discussão sobre o processo de formação do leitor universitário.

O que se observa é que, em diferentes momentos históricos, a leitura foi utilizada como mecanismo importante na formação educacional e este uso se deu não só no Brasil, mas em outros países como a França e a Argentina, por exemplo. Essa constatação nos leva a entender o papel da leitura na formação social de um povo, mesmo que esta formação seja pautada em um projeto maior, seja ele político ou educacional, que apoiava o modelo com o qual seria conduzido este mesmo povo, em momentos diversos da História.

Partindo desta premissa, compreende-se, a partir de Michel De Certeau, que as práticas de leitura conformam-se como um jogo no qual se coloca em questão as estratégias e táticas que definem os modos de apropriação da leitura por parte dos sujeitos.

Este movimento reflete a capacidade de perpetuação do poder em determinados espaços institucionalizados, como a escola, onde se observam as regras de conduta estabelecidas pelos grupos que deles se utilizam. Nestes espaços é possível estabelecer a condição de individualidade dos sujeitos, mas com a intencionalidade do controle sobre suas ações. Porém, segundo Certeau, estes mesmos sujeitos, por serem dotados de criatividade, utilizam-se de táticas específicas para consumir bens culturais.

[...] chamo tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então, nenhuma delimitação de fora lhe fornece autonomia. [...] E por isso, deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. [...] Ela não tem, portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. (CERTEAU, 2007, p.100)

Atualmente, muito se discute em torno da dificuldade relacionada à leitura por parte dos estudantes de todos os níveis. Esta discussão, segundo Chartier, dá-se a partir do envolvimento de grupos distintos, como entre os bibliotecários e os professores. Segundo a autora, as possibilidades e facilidades da sociedade moderna

promoveram a necessidade de se reforçar as leituras e alterar os seus parâmetros para se aceitar todas as formas de leitura possíveis. O que ela alerta é que a crise da leitura não se opera apenas no ambiente escolar, mas também em seu contexto social através do analfabetismo funcional, o que a leva a inferir que as dificuldades de leitura por parte dos jovens podem se refletir em sua atuação profissional e sua colocação no mercado de trabalho.

Este reflexo pode ser facilmente observado nas salas de aula das universidades, onde o professor se depara constantemente à frente de populações de alunos sem uma erudição mínima que contribua para seu desenvolvimento no campo acadêmico.

Para compreensão da leitura no campo da biblioteca, Chartier (2007, p.143) identifica dois tipos de leitura: uma leitura escolhida, como aquela que se faz a partir de livre iniciativa do leitor, e uma leitura obrigatória, como uma leitura de compreensão ou leitura rápida de trabalho.

Entretanto, somente adotando práticas escolares é que os bibliotecários podiam estender seu trabalho de estímulo à leitura a outras redes, externas à leitura pública. Saindo de sua área tradicional, a leitura escolhida, eles voltaram, mesmo sem querer, à pedagogia da leitura imposta. (CHARTIER, 2007, p. 143)

Ela destaca o papel do bibliotecário no estímulo aos diferentes tipos de leitura, de forma a aumentar o nível de acessibilidade dos alunos aos acervos, fossem eles de qualquer nível, desde o fundamental até o universitário.

A escolha da leitura pelos indivíduos também parte desta concepção, e, na visão de Soares (2009), é concebida a partir do que a autora denomina de “Jogo de Escolhas”.

[...] considero o jogo das escolhas como uma “atividade mental”, que se organiza por um “sistema de regras” (talvez mais adequado dizer de *determinantes*) que regulam e dirigem ou a perda – a perda de um leitor potencial, ou o ganho – o ganho de um leitor real. De uma certa maneira, procuro colocar em discussão não as escolhas, mas o jogo por meio do qual elas são feitas. (SOARES, 2009, p.19)

Na tentativa de compreensão deste jogo de escolhas, Soares (2009, p.22) identifica três tipos de leitura: a funcional, a de entretenimento e a literária, porém ela ressalta que estas leituras não são excludentes, mas podem ser utilizadas em paralelo na tentativa de enriquecimento em termos de informações e conhecimentos por parte do leitor.

### **3 REPRESENTAÇÃO E APROPRIAÇÃO E O PROCESSO CIVILIZADOR**

Estudar no ensino superior possui em si uma representação de distinção social, representação aqui entendida como a forma como os sujeitos entendem o mundo e seu cotidiano de acordo com o que pensam e interpretam sobre sua realidade e sobre como gostariam que ela fosse. (CHARTIER, 1991)

Tomada por Roger Chartier, a apropriação visa “uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais,

institucionais e culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”. (CHARTIER, 1991)

Com isso o autor pretende identificar as condições e os processos que, de maneira concreta, servem de base para as operações de produção do sentido, contrapondo-se a uma antiga história intelectual. O autor quer alertar que “nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas”. (CHARTIER, 1991)

Para muitas pessoas, estar na Universidade representa não só a possibilidade de ascensão profissional, como também o status em ser um estudante universitário pertencente, no caso da pesquisa pretendida, à Universidade Federal de Sergipe.

Esta forma de ver e sentir o espaço da universidade como aquele que define um posicionamento social não se restringe à UFS nem é percebido apenas nos dias atuais, mas ao longo da História da Educação. Neste sentido, a escola é entendida como espaço de conformação da sociedade e lugar de onde se observa o controle social em todos os tempos. Neste espaço se conformam os princípios de civilidade, que levam o indivíduo a viver de maneira civilizada, e a compreender o seu lugar nesta mesma sociedade.

A instituição universitária passou a ter importância fundamental na tarefa de promover o ideal civilizador das sociedades, assim como teorizado por Norbert Elias. Para ele, civilizar não compreende apenas a instituição do Estado como órgão regulador das ações sociais, mas principalmente estabelecer um padrão universal de moral e bons costumes. Este movimento pressupõe a idéia de uma Nação civilizada calcada em valores humanistas e morais, os quais definem uma imagem institucionalizada de sociedade, dentro de uma perspectiva de progresso e crescimento.

Duas idéias se confundem no conceito de civilização. Por um lado, ela constitui um contraconceito geral a outro estágio da sociedade, a barbárie. [...] Mas os povos não estão ainda suficientemente civilizados, dizem os homens do movimento de reforma de corte/classe média. A civilização não é apenas um estado, mas um processo que deve prosseguir. Este é o novo elemento manifesto no termo *civilisation*. Ele absorve muito do que sempre fez a corte acreditar ser – em comparação com os que vivem de maneira mais simples, mais incivilizada ou bárbara – um tipo mais elevado de sociedade: a idéia de um padrão de moral e costumes, isto é, tato social, consideração pelo próximo, e numerosos complexos semelhantes. Nas mãos da classe média em ascensão, na boca dos membros do movimento reformista, é ampliada a idéia sobre o que é necessário para tornar civilizada uma sociedade. (ELIAS, 1997, p.62)

Observa-se, assim, a criação das universidades brasileiras como espaços para formação desta cultura nacional, onde seriam formados os intelectuais capazes de conduzir a nação brasileira. Sua criação, a partir da Universidade do Rio de Janeiro em 1920, reflete este movimento de identidade nacional calcado nas ações educacionais empreendidas pelos políticos e educadores brasileiros na primeira metade do século XX.

Atualmente, muitas destas instituições ainda se configuram em lugares de diferenciação, cujo acesso durante muito tempo, privilegiou as camadas de maior poder, em detrimento de outras camadas da sociedade.

#### 4 A BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Darnton (2010) problematiza em seu texto o espaço que a leitura ocupou e ocupa, percorrendo uma história não-linear do livro. Desde o surgimento do pergaminho até a invenção do códice e chegando à era digital, o autor discute sobre o futuro dos livros com a inserção da tecnologia neste universo, fato que eleva as possibilidades de conexões do leitor, mas que não representa em si mesmo o fim do livro impresso. Ele destaca que, independentemente das tecnologias e possibilidades de digitalização dos acervos das grandes bibliotecas mundiais, é preciso “[...] protejam a biblioteca. Abasteçam-na com material impresso. Reforçam suas salas de leitura”. (DARNTON, 2010, p.59)

A Universidade Federal de Sergipe é uma instituição pública de ensino superior criada em 1968 a partir da lei que promoveu a congregação das diversas faculdades existentes à época no estado de Sergipe. Cada uma das Faculdades Isoladas dispunha, em separado, de seus acervos bibliográficos, os quais davam o suporte na formação dos estudantes dos diferentes cursos.

A unificação destas bibliotecas isoladas só aconteceu em 1979, quando da construção do atual Campus Universitário Prof. José Aloísio de Campos, que se inaugurou em 1980. Desde esta data, a Biblioteca Central da UFS, como é conhecida e denominada, cresceu em volume de obras e no atendimento aos estudantes da Universidade, buscando seu estatuto de legitimidade a partir da condução de suas ações voltadas para o atendimento às necessidades da comunidade acadêmica.

Em Sergipe, o ensino superior começou a esboçar suas características a partir da criação da Faculdade de Ciências Econômicas (1948), da Faculdade de Química (1950), da Faculdade de Direito e de Filosofia (1951), da Faculdade de Serviço Social (1954) e da Faculdade de Ciências Médicas (1961), todas com suas respectivas bibliotecas.

O processo de criação da Universidade Federal de Sergipe representou o resultado de muito empenho por parte de Dom Luciano José Cabral Duarte, diretor da Faculdade de Filosofia, na articulação de esforços entre as esferas do poder executivo e legislativo, além dos intelectuais sergipanos pertencentes às Faculdades de Direito e Medicina de Sergipe. Apesar dessa articulação, o processo só teve efetivo andamento quando Dom Luciano conseguiu promover a visita do professor Newton Sucupira, relator do Ministério da Educação, que veio a Sergipe em 1966 para inspecionar as Faculdades aqui existentes e as condições para criação da Universidade. (LIMA; VIEIRA; ARAÚJO, 2007).

Sendo comprovadas as condições satisfatórias, foi criada a Universidade Federal de Sergipe pelo Decreto-Lei nº 269, em 28 de fevereiro de 1967. Apesar da publicação do Decreto, sua instalação só aconteceu efetivamente em 15 de maio de 1968, em sessão solene ocorrida no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Este evento contou com a presença de várias autoridades, dentre elas o Ministro da Educação, Muniz de Aragão. (LIMA; VIEIRA; ARAÚJO, 2007).

Posteriormente, em 1968, os cursos das Faculdades Isoladas foram incorporados à Fundação Universidade Federal de Sergipe, mas as suas bibliotecas continuaram funcionando sem uma coordenação. A criação da Biblioteca Central foi atestada através da criação de seu Regimento datado de 11 de agosto de 1979, que teve a finalidade de planejar e incorporar todas as bibliotecas isoladas e coordenar a instalação definitiva para o Campus Universitário no ano de 1980.

A Biblioteca Central da UFS contava, em sua primeira etapa, com uma área construída de 5.198 metros quadrados, dispostos em dois pavimentos, com exceção da Biblioteca Setorial da Saúde, que hoje funciona anexa ao Hospital Universitário, e da Biblioteca Comunitária no Colégio de Aplicação. No ano de 1995, a Biblioteca Central iniciou a automação de seus serviços, utilizando o SBA-II (Sistema de Automação de Bibliotecas), desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria /CPD. Em 1999 foi instalada a nova versão do programa BIBLIOTECH (Sistema de Gerenciamento de Bibliotecas), e em 2002 foi concluída a conversão retrospectiva do acervo, contando com os serviços de busca de informação através do catálogo on-line de empréstimo e sua renovação.

A partir de março de 2007 a BICEN passou a integrar a rede Pergamun – Sistema Integrado de Bibliotecas, a qual foi criada em 1995, com abrangência nacional e sede na cidade de Curitiba, tendo a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) como detentora dos direitos autorais. O Pergamum funciona de maneira integrada, garantindo muito mais agilidade no acesso à informação, atendendo aos requisitos do MEC para avaliação dos acervos bibliográficos.

A Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe encontra-se atualmente localizada no complexo universitário do Campus Prof. José Aloisio de Campos, em São Cristovão - Sergipe. Sua estrutura contempla, além das obras de consulta livre, acervos de documentação sergipana, documentos oficiais e multimídia, além dos periódicos especializados.

Porém, muito ainda há sobre a BICEN a ser pesquisado, principalmente relacionado ao seu acervo e aos usos e práticas desenvolvidos pelos universitários na sua construção do conhecimento.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final, percebe-se a necessidade de se trabalhar temáticas relacionadas à leitura na tentativa de apreensão de como se forma um leitor, suas escolhas, o espaço de circulação, as estratégias e táticas usadas como forma de apropriação da leitura, enfim, tem-se a exata compreensão da vastidão que envolve o tema.

O estudo da cultura escolar privilegia a análise dos espaços e objetos que compõem a escola. Neste sentido, em que pese ampla pesquisa já realizada e as em andamento nos diversos centros de pesquisa nacionais, como também em Sergipe, ainda há necessidade de maior aproximação com a leitura e suas práticas no universo escolar. A definição das leituras por parte dos programas e currículos das disciplinas ajuda a direcionar os questionamentos que se relacionam a esta temática, mas por si só não garantem a plenitude das investigações. Elas se entremeiam às práticas empreendidas pelos sujeitos, quer sejam professores ou alunos, na tentativa de uma aproximação maior com os livros.

O que se observa, também, é a inclusão das novas tecnologias neste contexto, o que provoca muitas dúvidas a respeito da forma como esses mesmos sujeitos conduzem (ou não) suas leituras e se apropriam delas. Seria a invenção do iPad<sup>1</sup> ou a digitalização das obras das bibliotecas mundiais o fim do códice? Qual o gosto e a prática da leitura desenvolvidos nas crianças e jovens, agora munidos de um arsenal de tecnologias? Com certeza ainda há muito que se discutir nesta direção.



Estas discussões levam a um impacto direto na investigação sobre a biblioteca como espaço privilegiado para a formação do leitor. Neste caso, a necessidade mais premente é a de adequação das bibliotecas a esses novos desafios digitais, considerando a sua permanência, e inclusive exigência, por parte dos órgãos públicos, como no caso brasileiro, da existência de bibliotecas em cada escola brasileira até 2020.

Enfim, sem concluir plenamente a discussão, mas já se apropriando das conclusões das pesquisas de vários autores consagrados, os quais encerram seus textos sempre trazendo novas possibilidades de pesquisa e análise de objetos antigos e novos, e que, por arte do tempo, não conseguiram abraçar, aproveita-se aqui para aguçar ainda mais a curiosidade sobre toda esta temática levantando estas questões aqui apresentadas e algumas outras. Como por exemplo: que lugar tem a Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe na formação do leitor universitário? Quais as principais formas de escolha de leitura feitas pelos acadêmicos da UFS? Qual a influência dos intelectuais da academia universitária, em se tratando dos professores doutores da instituição, na formação do leitor universitário? Sem dúvida, muito a se fazer e pesquisar.

## 6 REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 13. Ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita: história e atualidade**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1991.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Tradução Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1. Campinas, Editora Autores Associados/SBHE, Janeiro/Junho. 2001. p. 9-43.

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade; VIEIRA, Luis Alberto da Silva Vieira; ARAÚJO, Sérgio Luiz Elias de. Historiografia do Ensino Superior no Brasil e em Sergipe. In: 18º EPENN – ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2007, Maceió, **Anais...**Maceió: UFAL, 2007.

SOARES, Magda. O Jogo das Escolhas. In: MACHADO, Maria Zélia Versiani et al. **Escolhas (literárias) em jogo**. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria**: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França final do século XIX). Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

---

<sup>i</sup> **iPad** é um dispositivo em formato tablet produzido pela Apple Inc. O aparelho foi anunciado em 27 de janeiro de 2010, em uma conferência para imprensa no Yerba Buena Center for the Arts em São Francisco.